

COMO EU ATRAVESSEI A ÁFRICA – SERPA PINTO

# DIÁRIO DE ÁFRICA

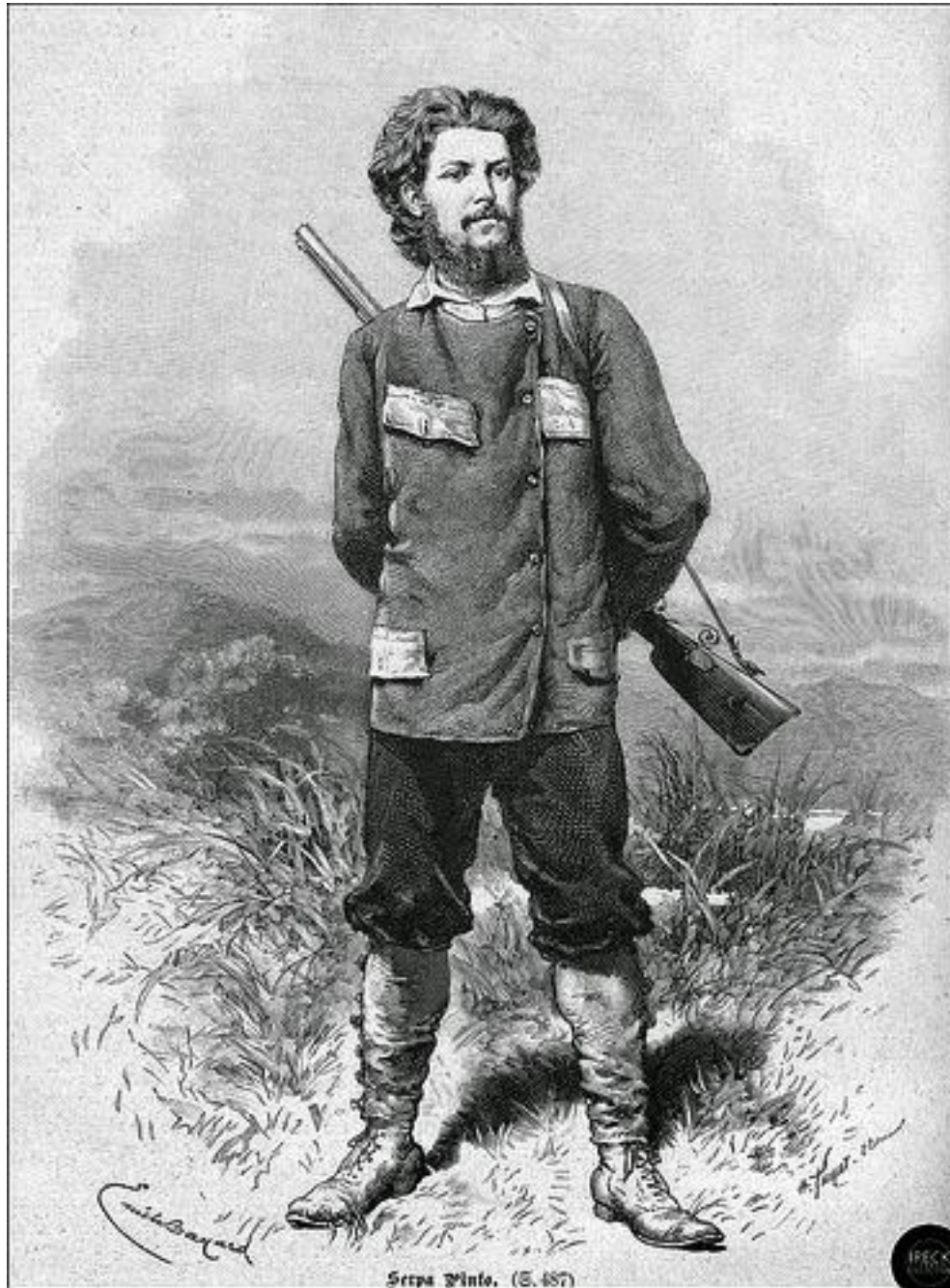
COMO ATRAVESSEI A ÁFRICA DO ATLÂNTICO AOÍNDICO

*Viagem de Benguela à Contra-Costa, Através de Regiões Desconhecidas*

ALEXANDRE DE SERPA PINTO



[www.loboazul.net](http://www.loboazul.net)



## BREVE NOTA SOBRE A OBRA

Tendo o título oficial de "Como atravessei a África do Atlântico ao Índico" e o subtítulo de "Viagem de Benguela à Contra-Costa, através de regiões desconhecidas", o Diário do explorador Serpa Pinto - um dos primeiros europeus a desbravar o interior do continente africano - relatam a sua aventura decorrida entre 1877 e 1879 quando viajou do planalto central da região do Bié, em Angola, até atingir Pretória e Durban, na África do Sul.

Serpa Pinto viajou pela primeira vez até à África oriental em 1869 numa expedição ao rio Zambeze, como técnico, para avaliar a rede hidrográfica e a topografia local. Tal expedição provou-lhe tal impacto que passaria os anos seguintes a reunir meios e apoios para realizar uma segunda expedição de reconhecimento mais aprofundado da região. Felizmente, o início da discussão na Europa sobre a ocupação dos territórios africanos pelos respetivos países colonizadores, que se desencadeou então, obrigou o Estado Português a repensar a sua estratégia de exploração das suas colónias africanas que até ao momento só as usava como entrepostos comerciais ou destino para condenados degredados.

A crescente reclamação por parte da França, da Alemanha e sobretudo da Inglaterra, de terras do interior de África, devido às explorações iniciadas pelo escocês David Livingstone em 1856, obrigou Portugal a agir de modo a poder

reclamar para si parte da então desconhecida região do continente africano que, pela lógica, uniria as províncias de Angola e Moçambique (na altura ainda embrionárias). Serpa Pinto foi então apoiado pelo estado português e incumbido de efetuar o mapeamento do interior do continente africano para reconhecimento e posterior controlo da região.

A expedição de Serpa Pinto iniciou-se em 1877 e contou com a participação de Roberto Ivens e Hermenegildo Capelo, dois oficiais da marinha que também assumiram o comando da expedição. Começaram por explorar a zona da costa oeste de Angola mas, chegando aonde é hoje a região angolana de Bié, houve uma cisão no grupo e Serpa Pinto assumiu, por sua conta e risco, a travessia solitária que contrariava o intuito inicial da expedição científica. A sua jornada terminou em 1879 e atravessou as bacia do rio Congo e do Zambeze, Angola e partes das atuais Zâmbia, Zimbabwe e África do Sul.

Com os dados de reconhecimento levantados por Serpa Pinto na sua travessia, o Estado Português sentiu-se com o direito de pretensão daquelas terras e foi o primeiro a propor que se realizasse um congresso europeu com o objetivo de organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais. Tal congresso foi organizado pelo Chanceler Otto von Bismarck da Alemanha em 1884, a que a História chamou de "Conferência de Berlim", no qual participaram, para além de Portugal, a Inglaterra, a França, a Espanha, a Itália, a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Suécia, a Áustria-Hungria e o Império Otomano.

Apesar de todos os exploradores europeus, incluindo Serpa Pinto, oferecerem riquíssimos dados etnográficos dos diferentes povos, tribos e culturas indígenas das regiões do continente africano, nenhum desses dados foi considerado. A divisão política do continente africano pelos colonizadores, que se realizou nesse dia, não respeitou, nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do continente.

Com base no que Portugal chamou de "direito histórico" pela primazia da sua exploração sobre África, e com base nos dados de exploração e reconhecimento efetuados por Serpa Pinto, o Estado Português reclamou para si vastas áreas do continente africano, embora, de facto, apenas dominasse feitorias costeiras e pequeníssimos territórios ao redor dessas. O seu objetivo era ligar as então pequenas colónias de Angola e Moçambique numa extensão de território a que se chamou de "Mapa Cor de Rosa".

A pretensão foi aceite pela quase totalidade dos países presentes, com a exceção da Inglaterra pois tal pretensão colidia com o objetivo britânico de criar uma faixa de território que ligasse a cidade do Cairo, no Egipto, à Cidade do Cabo, na atual África do Sul, por isso, cinco anos depois, em 1890, lançou um Ultimato de Guerra reclamando para si parte desse território de modo a poder ligar as suas colónias do norte com as do Sul. A fácil concessão do Rei português às exigências de Inglaterra causou sérios danos à imagem do governo monárquico português e fez despoletar uma série de movimentos sociais que poriam fim à monarquia e à implantação da República em 1910.

À margem de toda esta sucessão de eventos esteve Serpa Pinto, que acabaria por morrer em 1900, sem saber que o seu nome e imagem acabariam por ser difamados com a queda da monarquia. Tendo sido anteriormente consagrado como um herói nacional pela sua travessia solitária e arriscada que representava um tipo de novas descobertas que já não passavam por sulcar os mares, mas rasgar as selvas e savanas de África como forma de manutenção do prestígio internacional na arena diplomática europeia; com a implantação da república o seu prestígio desvaneceu-se e foi ligado às figuras nacionais do poder monárquico que os republicanos apresaram-se a substituir pelas figuras heroicas republicanas.

Serpa Pinto não tem hoje o destaque que têm, por exemplo, os navegadores e os descobridores portugueses, mais foi um dos mais importantes exploradores nacionais e como tal merece um lugar no panteão das figuras históricas de maior relevo. A sua expedição produziu efeitos consideráveis, contribuindo para o conhecimento do continente africano e para o prestígio internacional de Portugal no contexto das nações imperiais da segunda metade do século XIX, para além de ser o precursor dos atuais viajantes cronistas nacionais como Gonçalo Cadilhe.

A sua majestade El-Rei D. Luís I, com prévia licença, oferece este livro o autor.

Senhor,

Não foi um sentimento de adulação servil que me levou a pedir licença a Vossa Majestade para lhe dedicar este livro, foi o reconhecimento de uma dupla dívida de justiça e de gratidão: de justiça ao Monarca inteligente e ilustrado que firmou o decreto criando recursos para a primeira expedição científica Portuguesa deste século à África Central; de gratidão, ao príncipe cujos dotes de coração e de espírito disputam primazias às suas elevadas qualidades de um dos primeiros reis constitucionais da Europa contemporânea. Deu-me Vossa Majestade oportunidade de prender indissolavelmente o meu obscuro nome de soldado Português, a uma das mais felizes e auspiciosas tentativas modernamente feitas por Portugal; por isso esse livro pertence a Vossa Majestade como legítimo título da minha imensa gratidão. Ouso rogar respeitosamente a Vossa Majestade queira aceitar a minha humilde oferta com a mesma benevolência com que se dignou dar-me incitamentos para uma empresa, da qual, depois de realizada, foram ainda os favores da vossa Majestade a mais sincera e não regateada recompensa.

O Vosso ajudante de campo e o mais dedicado dos Vossos súbditos,

Alexandre de Serpa Pinto.



## PRÓLOGO

Não tem pretensões a obra de literatura este livro. Escrito sem preocupação da forma, é a fiel reprodução do meu diário de viagem.

Cortei nele muitos episódios de caçadas, e outros, que um dia no descanso, produziram um volume de caracter especial. Busquei sobre tudo fazer realçar o que mais interessante se tornava para os estudos geográficos e etnográficos, e se não me pude eximir a narrar um ou outro dos muitos episódios dramáticos que abundaram na minha fadigosa empresa, foi quando a esses episódios se ligavam factos consequentes, de importância, já para alterar o itinerário projetado, já determinando demoras, ou marchas precipitadas, que seriam incompreensíveis sem a exposição das causas determinantes.

Á Europa, e em geral ao homem que nunca viajou nos sertões do interior de África, não é dado compreender o que se sofre ali, quais as dificuldades a vencer a cada instante, qual o trabalho de ferro não interrompido para o explorador.

As narrações de Livingstone, Cameron, Stanley, Burton, Grant, Savorgnan de Brazza, d'Abbadie, Ed. Mohr e muitos outros, estão longe de pintar os sofrimentos do viajante Africano. Difícil é compreende-lo a quem o não o experimentou; àquele que o experimentou difícil é descreve-lo.

Não tento mesmo pintar o que sofri, não procuro mostrar o quanto trabalhei, que me façam ou não a justiça de que me julgo merecedor aqueles que examinarem os meus trabalhos, hoje é isso para mim indiferente; porque me convenci, de que só posso ser bem compreendido pelos que como eu pisaram os longínquos sertões do continente negro, e passaram os maus tratos que eu

[Ler mais](#)

